

A FADA DOS LIVROS E A MENINA DAS GALOCHAS

Manuela Monteiro

Ilustrações de Evelina Oliveira

Era uma vez uma Menina que pastoreava três ovelhas – a Malhadinha, a Princesa e a Branquinha.



A Menina – cabelinho ruivo, olhos verdes e rostinho pintalgado de sardas – ia todos os dias, com as suas três ovelhas, para um campo não longe da casa de seus Pais.

E amava o pomar e a horta, o prado verde salpicado de papoilas e malmequeres. E o milheiral.

Amava a lonjura do céu e o voo das nuvens e, com elas, voavam os sonhos que a toda a hora sonhava. Voavam embalados pelos guizos e balidos do rebanho. E pelo canto do ribeiro, de águas límpidas e frias, que descia a montanha e corria agora entre choupos e chorões, amieiros, lírios do campo e flores bravias.

A Menina gostava muito de histórias e de livros de histórias, mas o Pai não a deixava levar os livros para o campo. Ele queria que, além de pastorear as suas ovelhas – que eram mansinhas e não lhe davam cuidado – ela fosse regando o milho, mondando a horta, colhendo do pomar os frutos já maduros.

Um dia, em bicos de pés, a Menina apanhava da macieira-grande as maçãs mais redondas e vermelhinhas. Eis senão quando, uma escapou-se-lhe das mãos e, ploc! foi enfiar-se nas galochas. E foi assim que ela descobriu o esconderijo perfeito e seguro para os seus livros de histórias – as galochas, muito grandes e muito largas para as suas pernas magrinhas.

A partir desse dia, quando acabava os trabalhos no campo, a Menina vinha aninhar-se no regaço materno da macieira-grande, a ler em voz alta os seus livros de histórias.

E a Branquinha, a Princesa e a Malhadinha - as barriguinhas já cheias que o pasto ali era rico e farto – deitavam-se à sua roda, orelhas erguidas e olhos atentos. “Como olhos de gente” pensava a Menina.

Um dia, à saída de casa e com o Pai por perto, a Menina não pôde esconder os livros nas galochas, como sempre fazia. Nesse dia, terminadas as tarefas, foi sentar-se - triste e quieta - à sombra da macieira-grande, rodeada das suas ovelhas - quietas e tristes também.

Súbito, ouviu um barulhinho – leve esvoaçar de folhas, breve sopro de asas...

E viu à sua frente uma criatura luminosa! Dir-se-ia saída de uma das suas histórias – caracóis curtos e loiros, sorriso menineiro, imensos olhos azuis que brilhavam por detrás de uns óculos, do mesmo azul-claro dos seus olhos. Bela como uma fada!

- Sou uma Fada.

A Menina estremeceu de pasmo, as ovelhas ergueram para a Fada os seus olhos doces – são sempre doces os olhos das ovelhas – cheios de pasmo também.

- Uma Fada! Eu pensava que as Fadas só existiam nas histórias!

- Minha querida, as histórias são tão reais como a vida. A vida é a matéria de que se fazem as histórias. Eu sou... eu era uma Fada das Crianças, agora sou a Fada dos Livros.

- Ah! É então por isso que usas esses óculos da cor das miosótis que crescem à borda dos ribeiros. Deves ter de ler muitas histórias!

A Fada sorriu.

- Não é bem assim! Nós não lemos histórias, nós fazemos acontecer as histórias. Quando a Rainha das Fadas e as suas Conselheiras me nomearam Fada dos Livros, pensaram que uns óculos me ficariam bem. E tu, que achas? Perguntou, levemente ansiosa.

- São lindos! Ficam-te muito bem!

As três ovelhas baliram, um balido manso e afinadinho.

- Ouves? Elas concordam comigo.

- Ainda bem! Exclamou a Fada, ajustando melhor os óculos ao seu narizinho delicado e fino. Queres agora saber como me tornei Fada dos Livros?

Alisando a sua longa túnica de seda semeada de miosótis, sentou-se ao lado da Menina das galochas.

- As Fadas das Crianças existem desde o princípio dos tempos e têm muito poder. A sua missão é proteger as crianças do mundo inteiro!

E tirou uma maçã vermelhinha do regaço da Menina, trincando a sua polpa doce e sumarenta.

- Mas tu disseste que agora és a Fada dos Livros!

- Tem mais um bocadinho de paciência e já vais compreender. As Fadas das Crianças dão-se muito bem com os Anjos da Guarda, por isso Anjos e Fadas reúnem-se muitas vezes para falar sobre o seu trabalho. A última reunião, numa gruta escondida no coração da floresta, foi muito animada e participada. Discutia-se se os adultos têm razão quando dizem que as crianças de hoje são mais difíceis e complicadas que as crianças de antigamente.

Os olhos da Menina viraram-se para a Fada, ternos e ansiosos.

- E chegaram a alguma conclusão? É que os adultos dizem isso a toda a hora!

- Chegámos e fomos todos da mesma opinião. Nós, as Fadas e os Anjos, que entramos dentro dos vossos corações, sabemos que eles são iguais aos corações das crianças de todos os tempos.

Aqui, a Malhadinha, a Princesa e a Branquinha baliram de novo o tal balido manso e afinadinho.

A Fada riu e o seu riso era tão claro como as águas do ribeiro que descia a montanha e corria lá no fundo entre choupos e chorões, amieiros, lírios do campo e flores bravias.

- Olha, as tuas ovelhas concordam comigo também!

A Menina sorriu pela primeira vez, um sorriso tímido de “guardadora de ovelhas e de sonhos”.

- Depois dessa reunião, o Anjo Maciel – ele e eu somos grandes amigos – veio ter comigo e disse com ar misterioso “Quero mostrar-te uma coisa que acabei de descobrir e que torna as crianças mais felizes e as liberta de muitos perigos”.

- Os livros! - arriscou a Menina, com as sardas do rostinho mais acesas e os olhos verdes mais verdes ainda.

- Adivinhaste! E nesse mesmo dia, Maciel e eu voámos até uma sala muito grande – era a Biblioteca de uma Escola – onde meninos e meninas ouviam uma Senhora que lhes lia a história de uma sereia.

O sonho cresceu nos olhos da Menina.

- Eu também já li a história da Sereia Ondina!

- Não sei se era esse o nome da sereia... mas agora que me falas até penso que sim... chamava-se Ondina a sereia desta história. O que sei é que nunca na minha vida de Fada tinha visto um grupo de meninos tão felizes “FAS-CI-NA-DOS!” murmurou Maciel ao meu ouvido. No final da história – “então, o canto das sereias tornou-se mais doce, mais fino e penetrante e prolongou-se num tempo sem tempo até que no céu se apagaram brancas e azuladas as últimas estrelas” - todos bateram muitas palmas.

A Senhora fechou o livro, pousou-o sobre a mesa e olhou longamente os meninos, com um brilho nos olhos e um leve sorriso.

Depois, em voz doce e clara, falou assim: “ Sócrates, um filósofo da Grécia Antiga, disse que há sempre uma criança no coração do mais sábio dos homens”.

- Olha, confessou a Menina, ainda sou muito nova para conhecer os filósofos e de Sócrates nunca ouvi falar, mas penso que o que ele diz é verdade. O homem mais sábio que eu conheço é o meu Professor. Aprendemos tantas coisas com ele! E as suas aulas são sempre alegres e mágicas. Eu que até sou envergonhada – passo tanto tempo nesta solidão com as minhas ovelhas – um dia enchi-me toda de coragem e disse-lhe: “Professor, as suas aulas são uma festa! “. E ele riu. É porque tem ainda um coração de criança, não achas?

- De certeza. Sabes, ando tão apaixonada pela minha nova tarefa que gostava de te contar mais algumas das coisas que o Maciel e eu ouvimos, lá na tal Escola.

- Desculpa ter-te interrompido!

- Não me interrompeste. Estamos a conversar e conversar é escutarmo-nos uma à outra. Voltando então às palavras da Senhora “ Lewis Carrol...”

- Ah! Esse conheço eu muito bem! É o autor de “Alice no País das Maravilhas” um livro que eu já li!

- Então vais compreender melhor ainda “Lewis Carrol disse: a minha primeira namorada foi a Menina do Capuchinho Vermelho”.

- Compreendo tão bem! Eu também me apaixono pelas personagens das histórias que leio.

- És mesmo guardadora das ovelhas do teu Pai e dos sonhos das histórias. Escuta agora as últimas palavras da Senhora “A primeira namorada do meu neto João foi a Bela, a menina de coração de ouro que foi capaz de amar o Monstro e de lhe dar um beijo. Porque só depois do beijo – que é o símbolo do Amor em todas as histórias – o Monstro se transformou de novo no belo Príncipe que já fora”.

- Eu sinto que também seria capaz de amar um Monstro, se ele tivesse coração.

- É essa a missão dos livros e das histórias – ajudar quem os lê a conhecer a sua alma e a conhecer a alma dos outros também. E eu sei que tu gostas muito de histórias.

- Muito. São elas que me fazem companhia a mim e às minhas ovelhas nas longas horas que passamos aqui no campo. Mas o meu Pai não me deixa trazer os livros comigo porque tem medo que o trabalho fique por fazer ou que eu deixe fugir as ovelhas. Como se elas fossem fugir, são tão mansinhas! Quando eu leio as minhas histórias em voz alta, elas ficam sempre assim - quietas e atentas à minha volta. E eu penso, não te rias, mas eu acredito que elas entendem o que eu leio. Se não porque viriam ter comigo em vez de continuar a pastar nos prados do meu Pai - onde florescem papoilas e malmequeres e volteiam, garridas, as borboletas?

- Ai minha “guardadora de ovelhas e de sonhos”! Já usas palavras das histórias e acreditas no que é quase impossível acreditar. É que a vida tem tantas maravilhas! Mais maravilhas que as histórias.

- Mas eu vou gostar sempre das histórias! O pior é que muitas vezes, quando o meu Pai está por perto, não posso esconder os meus livros nas galochas. E também tenho poucos livros: uns são da biblioteca da Escola, outros

vou-os comprando na vila com a mesada do meu Pai. Mas são tão poucos, mesmo assim! Então, quando gosto muito de uma história, chego a lê-la uma dúzia de vezes. Ou mais!

- Escuta! Por enquanto sou a única Fada dos Livros e ainda tenho pouco poder. Apesar de tudo, acredito que a minha varinha de condão ainda guarda alguma magia.

A Fada levantou-se e tirou de uma prega da sua longa túnica de seda, semeada de miosótis, uma varinha de condão. Depois fez girar a varinha, desenhando círculos e círculos e mais círculos de minúsculas estrelas de todas as cores, enquanto entoava palavras misteriosas que soavam como se fossem uma música muito antiga e que a Menina não entendia.

E um, dois, três, muitos livros vieram pousar sobre o regaço e as maçãs da Menina das galochas! Que ria, ria, ria! E riam os seus olhos verdes e riam as sardas e voavam os cabelinhos ruivos! E a Branquinha, a Princesa e a Malhadinha faziam ouvir o canto e o riso dos seus guizos!

Depois, a Menina começou a folhear os livros um a um.

- Tantas histórias de Fadas!!!

- Creio que me entusiasmei e fui um pouco egoísta. Disse a Fada, ligeiramente embaraçada.

- Não, de maneira nenhuma, eu gosto muito de histórias de Fadas! – aqui a Menina fez uma pequena pausa – Conheces a Sophia?

- Claro que todas as Fadas conhecem a Sophia.

- A Sophia disse que roubar a magia às crianças é impedi-las de crescer de maneira perfeita e harmoniosa, de se tornarem um dia adultos mais felizes e mais generosos. Foi isso que ela disse, e que eu li, num livro que o meu Professor me emprestou. Um livro dele que ele achou que eu deveria ler.

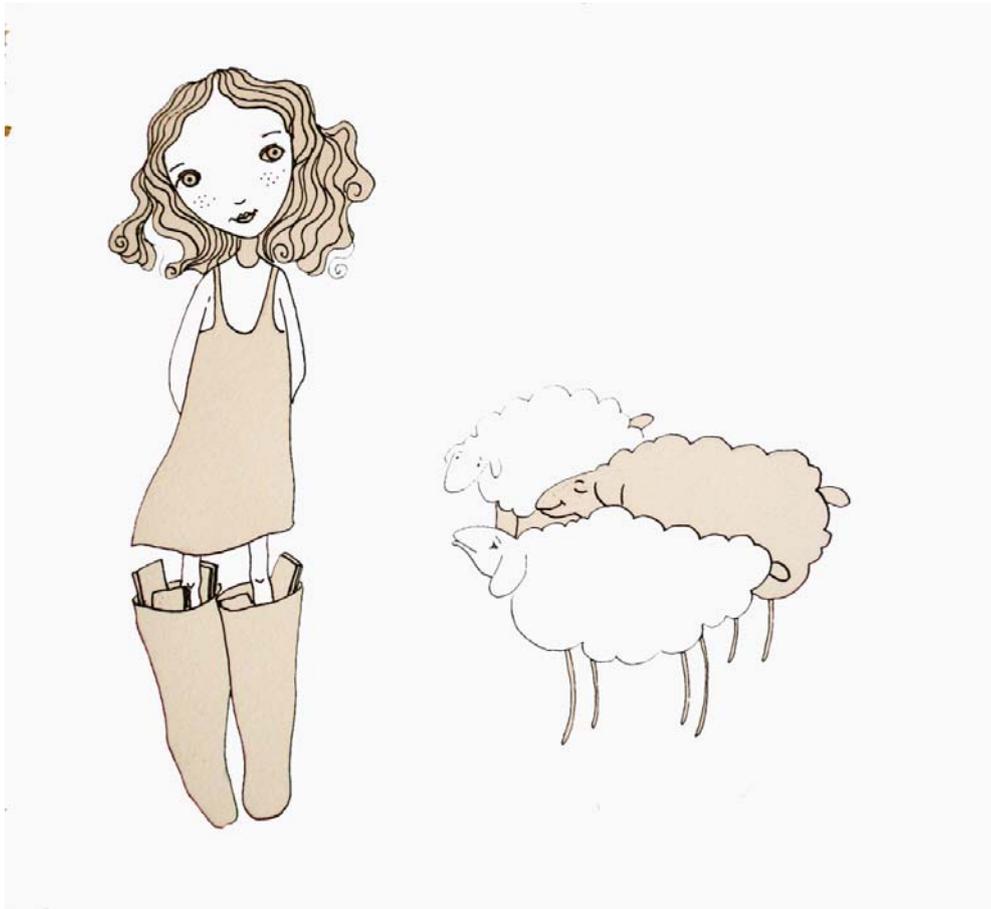
- Então, da próxima vez...

- E quando será a próxima vez? Interrogou a Menina ansiosa, interrogaram ansiosos os olhos das suas ovelhas.

- Será quando eu sentir que precisas de mais livros. E dessa vez, vou trazer-te histórias com a magia que a Sophia pede... mas sem fadas. Agora vou ter de vos deixar. Outras crianças precisam de mim e eu preciso de mostrar à minha Rainha como os livros são importantes para a felicidade e o futuro de todos os meninos do mundo.

A Menina das galochas ergueu-se com os livros bem apertados contra o coração, ergueram-se a Malhadinha, a Princesa e a Branquinha, numa festa de guizos e de risos.

E a Fada dos Livros com a sua longa túnica a esvoaçar, os seus olhos miosóticos, os seus caracóis curtos e loiros, foi-se erguendo alto, alto, muito alto, até se transformar num pequeno ponto azul que se confundiu com o azul do céu, silencioso e limpo, do fim do dia



* * *

O tempo voou como voavam os sonhos da Menina...

É a Escola de uma pequena aldeia aninhada na encosta da mais alta montanha daqueles lugares.

A Escola tem as paredes brancas, perfumadas de glicínias e rosas bravas. E as janelas, claras e largas, abrem-se para os bosques de ulmeiros, bétulas e carvalhos que vão subindo a montanha, doirada ainda pelo sol deste Maio de urzes e giestas.

Sentada por detrás da mesa florida de girassóis, a Professora – cabelos ruivos, olhos verdes, rosto salpicado de sardas – lê uma história aos seus alunos, como sempre faz antes do fim das aulas.

E os corações das crianças abrem-se à música da sua voz e às Fadas, às Princesas e às Sereias que saem dos livros e ficam a morar nos seus mundos e nos seus sonhos.

De vez em quando, a Professora ergue os olhos e sorri - tecelã a tecer a teia certa que um dia há-de levar os seus alunos a amar os livros, com um amor igual ao dela.

Mas há dias em que todos sentem que qualquer coisa diferente, mágica e feiticeira está com eles dentro da sala.

E nesses dias, os olhos verdes da Professora ficam mais verdes ainda, acendem-se mais as sardas do seu rosto e a sua voz soa clara e límpida como a água do ribeiro que corre lá longe, entre choupos e chorões, amieiros, lírios do campo e flores bravias.

E olha, muitas vezes olha a carteira vazia no fundo da sala.

- Professora, porque olha tantas vezes para uma carteira onde não está ninguém?

- É um mistério! São engraçados os mistérios, levam-nos a imaginar, a inventar, a sonhar! Talvez vos desvende este mistério... um dia...

E sorri para a carteira onde a Fadazinha dos Livros, olhos e óculos da cor das miosótis que crescem à borda dos ribeiros, e o Anjo Maciel, fechadas as asas que o hão-de levar voando por todos os céus do mundo – sorriem para a Professora e para os seus alunos também.